

CONTRA MUNDUM

CRÍTICA DE POESIA E LITERATURA

QUINTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 2010

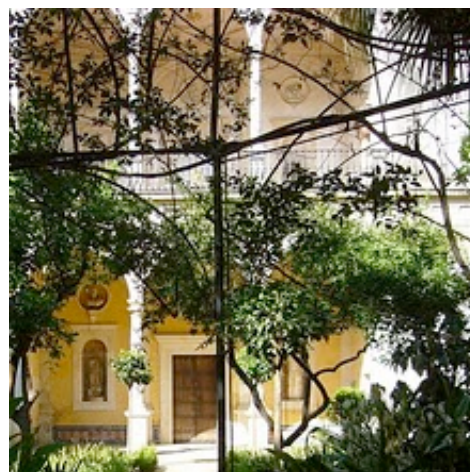
Joana Bértholo, Diálogos Para o Fim do Mundo

Uma das heranças da modernidade literária é o uso da consciência da artificialidade da escrita como estratégia de escrita; isto implica a recusa de uma noção de escrita como estrito instrumento de mediação de um sentido, assim como a recusa da linearidade de um suposto registo natural, em favor da afirmação da constituinte disfunção entre a escrita e o mundo. Sabe-se como é problemática a relação da contemporaneidade com esta herança da modernidade: assistimos reiteradamente ao regresso do suposto “registo natural”, num processo de obliteração da herança moderna.

Por isso, um livro como *Diálogos Para o Fim do Mundo* ¹, de Joana Bértholo, surge como uma saudável proposta de assunção da artificialidade da escrita: é uma narrativa em que cada palavra nos lembra que estamos perante um discurso, com a arbitrariedade de todos os discursos. O romance desenvolve-se de forma sincopada, com a alternância de situações e de registos a construir o texto ao mesmo tempo como experiência potencial de leitura e como questionamento da própria escrita. Não é uma escrita experimental que se esgote nesse experimentalismo, recusando-se como experiência de leitura. Tenta cumprir as duas dimensões, através de um discurso que se desenvolve na formulação de enunciados falsamente elementares.

O imaginário de raiz cinematográfica suporta duas narrativas que se cruzam: uma com origem na Europa de leste do início do século XX, outra num tempo indeterminado que é tanto o de um futuro apocalíptico, como o de uma construção cinematográfica que se realiza enquanto tal. A escrita opta por um registo que poderíamos caracterizar como a intersecção entre uma objectividade mágica, uma postura reflexiva e um olhar “poético”. A brevidade dos capítulos contribui para o ritmo da leitura, mas também ameaça esse ritmo: frequentemente, o texto parece avançar aos solavancos, sem um fio de leitura consistente.

O livro tem qualidades. Revela capacidade de construção dos personagens, inventividade de escrita, faltou um suplemento de exigência e rigor que pudesse evitar as claras flutuações qualitativas. Demasiadas vezes o tom contido do discurso dá lugar à frase de grande efeito que desemboca no lugar-comum de uma



ARQUIVO

▼ 2010 (30)

▼ Março (8)

Nuno Júdice, Guia de Conceitos Básicos

Joana Bértholo, Diálogos Para o Fim do Mundo

Joaquim Manuel Magalhães, Um Toldo Vermelho, II

Joaquim Manuel Magalhães, Um Toldo Vermelho, I

João Negreiros, a verdade dói e pode estar errada

Johann W. Goethe, Viagem a Itália

Nuno Dempster, Londres

Petição de Princípio

▶ Fevereiro (11)

▶ Janeiro (11)

▶ 2009 (38)

H. G. CANCELA

VER O MEU PERFIL COMPLETO

literatura que se pretende poética:

«O cinema deixou de fazer sentido, como tudo o resto. Quando as imagens substituíram a realidade na grande tela da vida.»²

A mesma prosa pretensamente literária, mas pouco cuidada, ressurge em vários momentos do livro; por exemplo:

«Ao descobrir a vida descobre o céu, ou é ao descobrir o céu que descobre a vida, ou é ao descobrir as estrelas que descobre o amor, ou ao descobrir a música que descobre a estrelas. Vem tudo de mãos dadas ou é uma grande e única coisa, o que ele descobre? Ou relembra?»³

O carácter aforístico de muitas formulações revela-se confrangedoramente pobre. Se por vezes consegue ser inventivo, frequentemente produz apenas a enunciação do óbvio (esta dimensão parece ser valorizada enquanto estratégia editorial, a avaliar pelo modo como a contracapa reproduz alguns desses aforismos: “*Existe fim no começo e começo no fim*”; ou “*O diálogo é a suprema forma de alimento*”, etc.).

Nota-se também, a par da definição de uma postura autoral com alguma autonomia, a presença de ressonâncias de outras vozes e de outros autores (será talvez o primeiro romance onde é claramente reconhecível a influência da escrita de Gonçalo M. Tavares). Estamos diante de um livro onde, apesar de algum rigor e de exigência na escrita, se nota uma cedência ao efeito fácil (por exemplo, muitos dos títulos dos capítulos) ou ao apontamento irrelevante (como a utilização quase gratuita das notas de rodapé). É esta cedência ao pretensamente inventivo que compromete um projecto que no seu início promete mais do que o resultado final. Esta inventividade forçada será talvez uma outra forma de obliterar a herança moderna.

1. Joana Bértholo, *Diálogos Para o Fim do Mundo*, Editorial Caminho, 2010, (243 p.).

2. Idem, 48-49.

3. Idem, 138.

PUBLICADA POR CONTRA MUNDUM EM 14:11 

HIPERLIGAÇÕES PARA ESTA MENSAGEM

[Criar uma hiperligação](#)

[Mensagem mais recente](#)

[Página inicial](#)

[Mensagem antiga](#)